ISSN: 2358-8829

METODOLOGIAS DE PESQUISA COM CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POR UMA ESCUTA ATENTA SENSÍVEL

Viviane dos Reis Silva [1]
Thamisa Sejanny de Andrade Rodrigues[2]

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de reflexões sobre a construção de metodologias de pesquisa com crianças, elaboradas a partir de experiências formativas vividas por estudantes em um contexto de pós-graduação. Os estudos da infância, em especial a Sociologia da Infância, vêm provocando mudanças importantes nos modos de investigar. Eles rompem com concepções adultocêntricas, que foram difundidas pela psicologia do desenvolvimento, que viam a criança como sujeito incompleto, projetado para o futuro e apenas como objeto de pesquisa (Rodrigues, 2020).

Com a ampliação dos estudos sociais da infância, as crianças passam a ser compreendidas como atores sociais competentes e sujeitos de direitos, que desde bebês produzem culturas e constroem sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Essa mudança de concepção provoca pesquisadoras e pesquisadores a deixarem de falar sobre as crianças para falar com elas (Fernandes, 2024).

Tal mudança tem implicações metodológicas e éticas. Nesse sentido, as escolhas do percurso investigativo precisam ser coerentes com as concepções de criança que as sustentam, o que exige uma vigilância epistemológica permanente. Escutar as crianças requer, sobretudo, atenção às múltiplas linguagens, corporais, gestuais, sonoras e verbais, com as quais bebês e crianças comunicam interesses, desejos e recusas.

É nesse contexto que se situa a experiência aqui compartilhada. Assim, ela parte de encontros formativos realizados durante a disciplina “Metodologias de pesquisa com crianças”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, no período letivo 2025.1. A cada encontro e a cada discussão de texto proposto, docente e discentes

[1] Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Professora do Colégio de Aplicação Telma Vitória, na Universidade Federal de Alagoas (CAPTV/UFAL) - AL, viviannereys@hotmail.com;
[2] Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal de Sergipe, SE, thamisa@academico.ufs.br;

ISSN: 2358-8829

se depararam com o desafio de pesquisar com crianças e com a responsabilidade ética que ele implica.

As aulas entrelaçaram leituras, apresentações de artigos, reflexões suscitadas a partir de uma conferência, análise de vídeos de uma oficina de assentimento e estudo da Resolução n. 510/2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A disciplina contou também com a entrega final de uma atividade avaliativa individual com todas as discussões realizadas ao longo da disciplina, registradas por escrito e que foram utilizados para compor as discussões aqui apresentadas.

Nesse percurso, as discussões coletivas mobilizaram sentidos sobre as metodologias para o desenvolvimento de pesquisa com crianças. Foi a partir dos debates que as questões éticas passaram a ser problematizadas a partir de situações concretas. Entre elas estão a entrada gradual em campo e o respeito às rotinas e aos sinais de desconforto dos bebês e crianças diante do(a) pesquisador(a), o posicionamento da câmera, a organização dos espaços e dos materiais, o uso de imagens, os diálogos tecidos com os participantes da pesquisa, entre outras ações que denotam um cuidado e um movimento de pesquisa responsivo.

Trata-se de uma abordagem qualitativa. Os dados foram produzidos a partir das narrativas escritas e entregues por duas estudantes, autoras deste artigo, ao longo do processo formativo trilhado. Elas registram aprendizagens, tensionamentos e proposições surgidas nas aulas e permitem acompanhar o movimento de tornar-se pesquisador(a) da infância. Elas também permitem examinar de que modo as discussões da disciplina reverberam nos projetos de pesquisa em desenvolvimento.

Diante do exposto, este estudo destaca o papel das discussões coletivas no cumprimento ético da pesquisa com crianças. A relevância dessa experiência está em evidenciar que a formação de pesquisadores(as) da infância se fortalece em espaços dialógicos, nos quais a ética é construída coletivamente e experimentada em situações concretas. Esses espaços podem servir de referência e estímulo a outros contextos formativos que busquem uma escuta atenta e sensível aos bebês e às crianças.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Em sintonia com Oliveira (2016, p. 60), “[...] na abordagem qualitativa, o pesquisador (a) deve ser alguém que tenta interpretar a realidade dentro de uma visão complexa, holística e sistêmica”. Seguindo essa premissa, nossas discussões foram construídas a partir das experiências formativas compartilhadas entre docente

ISSN: 2358-8829

e discentes no âmbito da disciplina “Metodologias de pesquisa com crianças”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC), no período letivo de 2025.1.

Os dados da pesquisa compreendem as discussões teóricas, epistemológicas e metodológicas suscitadas ao longo do processo formativo compartilhado, tomando como referência as narrativas escritas elaboradas e entregues pelas autoras deste artigo, estudantes da disciplina citada.

Nesse sentido, a seção a seguir apresenta reflexões construídas a partir das discussões e dos diálogos desenvolvidos durante três aulas da referida disciplina. Sob essa ótica, ao entrelaçar as experiências vivenciadas, as narrativas produzidas e as reflexões compartilhadas ao longo desse percurso formativo, construímos interlocuções com os autores e as autoras estudados, cujas contribuições teóricas, epistemológicas e metodológicas fundamentam e ampliam as discussões aqui desenvolvidas.

POR UMA ESCUTA ATENTA E SENSÍVEL: CAMINHOS PERCORRIDOS NAS PESQUISAS COM BEBÊS E CRIANÇAS

A primeira aula da disciplina “Metodologias de pesquisa com crianças” teve como proposição para elaboração de registro escrito, assistir a conferência *on-line* “Pedagogias da Infância”, ministrada pela Profa. Dra. Natália Fernandes, e elaborar uma sistematização escrita das reflexões suscitadas, com base em duas questões norteadoras: 1) Como considerar a participação das crianças no contexto da Educação Infantil? Comente e justifique sua resposta; 2) Qual a relação das principais ideias da conferência com a pesquisa com crianças? Comente e traga suas reflexões para a próxima aula.

Dentre as discussões que se entrelaçam ao exercício do desenvolvimento da pesquisa *com* crianças, destacamos a concepção de criança apresentada por Natália Fernandes, pois ela guia nossos posicionamentos e direções percorridas na produção do conhecimento. Partindo da Sociologia da Infância, a criança é compreendida como ator social competente, detentora de direitos, entre eles, à participação. Nessa ótica, não desenvolvemos pesquisas *sobre* as crianças, mas *com* as crianças. Assim, a pesquisadora citada nos convoca a um movimento epistemológico centrado nas potencialidades comunicativas dos bebês e crianças para que possamos nos aproximar cada vez mais dos seus modos singulares de construírem

ISSN: 2358-8829

conhecimentos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo: “Deixar de falar sobre as crianças, para, sobretudo, falar com as crianças.”

Seguindo esta premissa, no desenvolvimento da pesquisa destacam-se os papéis de autoria assumidos por crianças e adultos. Sendo assim, diferentes vozes e singularidades, socialmente construídas, estão implicadas em um único propósito: tornar visíveis os modos que as crianças interpretam e apreendem o mundo. Nesse sentido, enquanto adultos, temos o desafio de compreender as crianças, desenvolver uma escuta atenta e sensível aos recursos sociocomunicativos utilizados por elas para comunicar suas opiniões e desejos. Para além de palavras, sorrisos, balbucios, choros, olhares, um corpo que se comunica e tece uma relação ética no encontro com o outro.

A pesquisa com crianças exige uma vigilância epistemológica constante, como propõe Fernandes, para que as práticas investigativas não se tornem meramente ilustrativas ou simbólicas, mas verdadeiramente participativas. Nesse sentido, respeitar os direitos das crianças exige também repensar a nós mesmos, enquanto adultos, educadores e pesquisadores, e a forma como nos relacionamos com a infância.

Tendo como campo de pesquisa instituições de Educação Infantil, em diálogo com Natália Fernandes, acreditamos que as crianças não são hóspedes temporários da escola, mas sim, atores sociais ativos no processo de construção de uma educação democrática, que assume o compromisso político com seus direitos e posiciona a criança no centro da ação educativa.

A segunda aula foi essencial para darmos continuidade à construção dos saberes suscitados em nosso primeiro encontro formativo. Durante a socialização de pontos importantes para construção de caminhos metodológicos nas pesquisas com as crianças, ficou nítido o compromisso do grupo em aprender e compartilhar seus aprendizados ao longo deste processo. A turma mostrou-se bastante inquieta e questionadora, importantes características para a produção do conhecimento. Assim, seguimos com os ensinamentos do poeta Manoel de Barros: “A maior riqueza do homem é sua incompletude.” Ao transpor essa incompletude para o exercício da pesquisa, sentir-se incompleta é abrir-se às infinitas possibilidades de aprender com o outro, nesse emaranhado de saberes-fazeres que se conectam e se contrastam, mas que possuem uma singularidade: o desejo de desenvolver um movimento de pesquisa ético com os bebês e crianças.

Diante de tal proposição, nossos diálogos destacaram a importância de desenvolver uma investigação pautada em uma “vigilância epistemológica”. Assim, nossas ações e escolhas metodológicas na construção do conhecimento devem estar alinhadas com nossas concepções,

ISSN: 2358-8829

especialmente no que diz respeito à compreensão das crianças e ao contexto da Educação Infantil em que elas estão inseridas.

Desta forma, delineamos discussões com foco em metodologias de pesquisa que debruçaram o olhar para as competências dos bebês e crianças, expostas por um conjunto rico e diverso de recursos sociocomunicativos. Nessa ótica, bebês e crianças são compreendidos como sujeitos ativos de direitos, dotados de singularidades e potencialidades.

Nesse contexto de pesquisa que considera as vozes e participação ativa dos bebês e crianças, o(a) pesquisador(a) precisa se comprometer eticamente com uma etapa importantíssima no exercício da pesquisa: o assentimento das crianças, ou seja, a busca pelo aceite das crianças em participarem da investigação. Coutinho (2019) evidencia questões relevantes sobre o processo de assentimento na pesquisa com crianças. Segundo a referida autora, apoiando-se na Resolução n. 510/2016, marco regulatório específico para o desenvolvimento de pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais, as crianças expressam seus assentimentos a partir de suas múltiplas linguagens, podendo, se for desejo delas, recuarem em suas decisões, portanto, o assentimento é sempre provisório e negociável.

Em sintonia com Coutinho (2019, p. 100) "o assentimento implica a captação do aceite do participante mediante procedimentos diferenciados, dadas as singularidades dos sujeitos aos quais se volta, crianças, adolescentes ou pessoas impedidas de consentir.". Nessa ótica, seguimos com um "radar ético" cujo horizonte aponta para uma escuta atenta e sensível aos interesses e motivações das crianças. Diante do exposto, assim como o Consentimento Livre e Esclarecido dos Pais e Responsáveis, a busca pelo assentimento das crianças se configura em um compromisso ético e articulado com nossas bases epistemológicas ao passo que buscamos modos de participação que sejam expressos pelas próprias crianças.

Para refletirmos sobre esse processo de assentimento, assistimos, durante a aula, dois vídeos cedidos pela pesquisadora Rafaely Karolynne do Nascimento Campos. Os vídeos registram o desenvolvimento da "Oficina de Assentimento" desenvolvida pela referida pesquisadora com crianças de 3 a 4 anos de uma instituição pública municipal de educação infantil. Durante os vídeos, ficou perceptível o compromisso ético da pesquisadora em apresentar a proposta de pesquisa para as crianças de modo detalhado e compreensível, conforme exigências do Comitê de Ética em Pesquisa e aportes epistemológicos, atentando-se e respeitando as escolhas das crianças em participar ou não da pesquisa. Os diálogos iniciados pela pesquisadora fomentaram um clima afetuoso e de proximidade com as crianças, pois ela chamava as crianças pelo nome e informava que seus familiares (também citados pelo nome) já tinham concordado com a participação delas na pesquisa.

ISSN: 2358-8829

Após a exibição dos vídeos, contribuímos com algumas sugestões para tornar o processo de assentimento ainda mais cuidadoso no que concerne à aproximação e apresentação da pesquisa às crianças: cuidado com a organização dos espaços e materiais, abertura para as iniciativas interativas das crianças, posicionamento da câmera, luminosidade, possibilidade de incorporar práticas lúdicas para apresentação da pesquisa, contação de histórias, entre outras possibilidades que dialoguem com os interesses e motivações das crianças e que não interfiram no rigor necessário para a qualidade do estudo.

Esse movimento coletivo de discussões proporcionou um espaço potente para compreendermos como os direitos das crianças se entrelaçam, de maneira indissociável, com os cuidados éticos exigidos na condução de pesquisas com as crianças. O assentimento, nesse sentido, não é um mero protocolo a ser seguido, mas um exercício constante de escuta, respeito e negociação com os participantes, especialmente quando se trata de crianças.

Finalizamos a aula com uma reflexão importante: “Não é um número de protocolo que assegura princípios éticos”, mas sim a configuração de um percurso de pesquisa responsivo vivido e reconfigurado pelo(a) pesquisador(a) com as crianças.

Durante a quarta aula continuamos refletindo sobre os processos de consentimento e assentimento, ações importantíssimas no desenvolvimento da pesquisa. A professora apresentou pontos importantes de acordo com a Resolução n. 510/2016. O referido documento apresenta um conjunto de diretrizes éticas para o desenvolvimento de pesquisas nas ciências humanas e sociais. Os trechos destacados dialogam com uma perspectiva ética compreendida como base estruturante da pesquisa com os bebês, crianças e adultos, respeitando a dignidade, integridade, pontos de vistas e escolhas dos participantes.

Nessa ótica, o consentimento e assentimento é configurado por meio de uma relação dialógica, de confiança, que se desenvolve e se redesenha de modo ético entre pesquisador(a) e os participantes. Assim, consentir e assentir são ações abertas e flexíveis no movimento de pesquisa, ou seja, o(a) participante pode comunicar por meio diferentes linguagens se pretende ou não prosseguir com o estudo. É preciso acolher e respeitar essa decisão (Coutinho, 2017). No caso dos bebês, eles possuem um repertório rico de comunicação que se entrelaça às suas expressões corporais. Desse modo, sorrisos, olhares, abraços, movimentos corporais, balbucios, choros etc., comunicam os interesses dos bebês no decorrer da pesquisa. Desse modo, consentir e assentir são processos vivos e, portanto, dinâmicos, abertos e flexíveis, que se redesenham ao longo do processo de pesquisa.

Dentre as discussões, evidenciou-se o direito que o participante possui de escolher se quer ou não que sua identidade seja resguardada: “V - decidir se sua identidade será divulgada

ISSN: 2358-8829

e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública" (Brasil, 2016, p. 6). Levando em consideração tal proposição, faz-se importante que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) situe esta decisão.

Outro ponto evidenciado foi a importância de submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, pois tal procedimento não se justifica em razão de uma questão burocrática ou na busca por uma mera aprovação, mas como uma escolha ética no sentido de delinear um caminho investigativo pautado em parâmetros e diretrizes que respeitam e asseguram o compromisso ético com os participantes da pesquisa.

O uso de imagens também foi ponto de discussão, o debate centrou-se na necessidade ou não das imagens na pesquisa a partir dos objetivos propostos. Algumas questões emergiram: É necessário o uso de imagens na pesquisa que estou desenvolvendo? O que as imagens produzidas podem comunicar? Quem precisa autorizar a produção dessas imagens? Como posso redigir esse pedido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Contribuindo com o debate, Coutinho (2017, p. 769) tece importantes discussões sobre as potencialidades de narrativas visuais como possibilidade metodológica para produção do conhecimento nas pesquisas com bebês e crianças bem pequenas. Assim, "O uso do vídeo tem se revelado um potencializador do en-contro com as crianças, tanto no momento da captação das suas experiências, quanto da análise e compreensão do observado e registrado.".

No segundo momento da aula, a turma foi dividida em dois grupos para pensar em processos de assentimentos nas pesquisas com bebês e crianças levando em consideração as orientações da Resolução n. 510/2016. O grupo 01 ficou responsável por pensar em movimentos de inserção do(a) pesquisador(a) em campo e busca por assentimento dos bebês**.** O grupo 02 organizou uma "oficina de assentimento" para crianças pequenas.

Sobre o processo de assentimento dos bebês, destacamos a importância do ingresso em campo de modo gradual e responsivo, pautando nossas ações na potência das relações com estes sujeitos. Entre os pontos destacados, o grupo evidenciou a importância de respeitar a rotina do grupo de bebês e suas educadoras na instituição, portanto, é importante chegar antes do horário de início da rotina para não atrapalhar as dinâmicas do grupo. Outra ação importante, diz respeito ao pedido de licença para entrar na sala de referência dos bebês e prestar atenção na dinâmica organizacional (Se tiram os sapatos, também vou tirar). Por essa ótica, o grupo destacou a necessidade de uma aproximação gradual, conectada a uma disponibilidade corporal para aproximações e trocas relacionais pautadas em diálogos afetivos com os bebês, na busca por seus assentimentos, expostos por sorrisos, aproximações, convites para brincadeiras, pedidos de colo, abraços, sorrisos etc. Elucidamos a relevância de acolher os interesses dos

ISSN: 2358-8829

bebês para explorar os instrumentos de produção de dados (câmera, diário de campo etc.). Por fim, evidenciamos a importância de desenvolver uma escuta atenta e sensível aos sinais de desconfortos expostos pelos bebês, recuando em casos de choros e outros sinais de alerta.

O segundo grupo organizou uma oficina de assentimento para crianças com idades entre 4 e 5 anos, situadas em um contexto de Educação Infantil. Foram apresentadas proposições éticas balizadas pela Resolução 510/2016. O grupo evidenciou um cuidado importante quanto à forma de comunicação com as crianças, buscando assim, apresentar o projeto de pesquisa de modo lúdico e compreensível, sugerindo a organização de uma contação de histórias para apresentação das principais informações sobre a investigação e convite à participação das crianças.

Finalizamos a aula reafirmando o compromisso ético com os bebês e crianças durante o desenvolvimento de nossos projetos de pesquisa. Os diálogos e proposições elencados pela turma reacenderam a importância de buscar uma simetria ética com os bebês e crianças na pesquisa, pois o processo de assentimento envolve relações responsivas, de escuta atenta e sensível aos modos singulares que o outro possui para comunicar seus interesses e motivações. Nesse movimento, buscamos, assim como pontua Fernandes (2016), "uma ética viável", ética compreendida como dimensão humana que busca a construção de relações responsivas e respeitosas com os participantes da pesquisa.

Iniciamos a quinta aula compartilhando nossas impressões sobre a leitura do texto "Infância, infâncias e crianças: contribuições dos estudos da infância", escrito por Ana Julia Lucht Rodrigues. A referida pesquisadora apresenta reflexões importantes sobre o desenvolvimento dos estudos da infância partindo de uma perspectiva interdisciplinar no contexto da pesquisa com as crianças. Essa interdisciplinaridade pode ser marcada pelos estudos da Sociologia, Psicologia, Geografia, Antropologia, entre outras áreas do conhecimento que nos ajudam a tecer discussões e compreensões sobre a infância.

Um ponto de destaque nos aportes teóricos e epistemológicos evidenciados diz respeito à concepção de criança, compreendida em sua categoria de "atora social". Nesse sentido, apoiando-se nos estudos da Sociologia da Infância busca-se romper com a perspectiva da criança como objeto da investigação, destacando sua autoria e participação ativa nos contextos investigativos desde bebês. Nessa ótica, a autora tece uma crítica aos fundamentos tradicionais da psicologia do desenvolvimento e socialização, responsáveis por difundir uma concepção de criança universal, moldada por uma visão adultocêntrica que enxergava as crianças como sujeitos incompletos e projetados para o futuro.

ISSN: 2358-8829

Partindo de tais considerações, a referida autora nos convoca a pensar no desenvolvimento de pesquisas que compreendam o desenvolvimento humano de modo relacional, profundamente marcado pelas interações sociais e contextos socioculturais que as crianças participam ativamente. Seguindo esta premissa, as crianças são consideradas agentes sociais nas experiências que tecem entre a sua geração e com os adultos, portanto, possuem vozes, constroem sentidos e significados sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, são mobilizadas e mobilizam seus contextos de vida, produzem culturas.

Em articulação com o exposto, a partir da leitura do texto citado, uma das colegas evidenciou algo essencial no universo da pesquisa com crianças atípicas: a escuta atenta e sensível dos diferentes modos de comunicação e expressão que estas crianças possuem para assentir ou não à investigação em curso. Tal enfoque dá visibilidade a modos singulares de escuta das crianças e suas especificidades.

Seguindo com o planejamento da aula, a turma foi dividida em dois grupos para discutir, sistematizar e apresentar as principais ideias do texto "Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios", autoria de Manuela Ferreira e Ângela Nunes. Cada grupo dispôs de 1h para organização interna.

O texto em questão aborda as potencialidades da etnografia nos estudos das infâncias e antropologia, discutindo os contributos oriundos destes campos disciplinares, refletindo sobre limites e desafios da pesquisa etnográfica com crianças.

Dentre os limites elucidados, as autoras chamam atenção ao processo de apropriação acrítica da etnografia. Nesse sentido, um estudo etnográfico não se limita à escuta das vozes das crianças sem uma reflexão aprofundada e fundamentada. Parte-se de uma perspectiva investigativa pautada na produção de dados a partir do olhar atento e sensível para as ações do outro, ações estas, demarcadas por elementos da sua cultura, marcadas por seu contexto sócio-histórico. Assim, a criança é interpretada como ator social com uma voz potente e significativa. Cabe a nós, a partir dos princípios da etnografia, uma abertura para escutar, acolher e interpretar seus pontos de vistas.

Nesse campo de estudos que observa e constrói conhecimentos com as crianças a partir de seus contextos culturais, o desafio centra-se no rompimento de uma visão cientifica dominante, balizada na dicotomia das dimensões sociais, culturais e biológicas. Desta forma, é preciso romper com pesquisas que encaram as crianças como objetos da investigação e passar a considerá-las como sujeitos que produzem conhecimentos, reafirmando assim, sua categoria de ator social desde bebê. A defesa está no reconhecimento de um estatuto que reconhece a

ISSN: 2358-8829

potência das vozes das crianças, marcada pela diversidade de infâncias que vivenciam, o que demanda sensibilidade, compromisso e dedicação do(a) pesquisador(a) para compreendê-las.

Nessa trilha de proposições, pesquisadores das infâncias buscam, de forma incessante, uma simetria ética nas relações entre adultos e crianças, com o objetivo de desconstruir paradigmas investigativos que perpetuam visões equivocadas, nas quais as crianças são vistas apenas como seres em desenvolvimento, marcados pela incompletude. Em contraposição a essa perspectiva, pesquisas que se dedicam a escutar as crianças revelam que, desde bebês, elas produzem culturas e se constituem como atores sociais competentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões compartilhadas na disciplina “Metodologias de pesquisa com crianças” evidenciaram que pesquisar com crianças é um exercício contínuo de reflexão, ajustes e deslocamentos de postura. Ao assumir a criança como ator social competente, que produz culturas desde bebê, o(a) pesquisador(a) precisa rever concepções, renunciar a lugares de certezas. Assumir esse lugar de aprendiz, revelou-se condição para aprender com o outro e para sustentar uma vigilância epistemológica que mantenha as escolhas metodológicas alinhadas às concepções que as fundamentam.

Entre os desafios que emergiram, destacam-se a insegurança diante de práticas que fogem aos protocolos prescritivos e a tensão entre o rigor necessário à qualidade do estudo e a abertura às iniciativas, aos tempos e às linguagens das crianças. Contudo, o desejo compartilhado no grupo de construir um movimento de pesquisa ético com os bebês e as crianças, somado ao envolvimento e ao compromisso de discentes e docente, transformou essas dificuldades em potência formativa.

Os estudantes foram protagonistas em todo o processo, e a docente teve papel fundamental ao provocar questionamentos, apresentar subsídios teóricos e normativos e criar condições para que a turma sistematizasse suas aprendizagens. Tais escolhas metodológicas e avaliativas, mobilizaram os estudos, fortaleceram a autonomia na construção do conhecimento e valorizaram o processo de aprendizagem de cada discente.

Nessa trilha de aprendizados, compreendemos que o assentimento das crianças é um compromisso ético e epistemológico, sempre provisório e negociável. Ele exige uma escuta atenta e sensível ao corpo que se comunica, aos sorrisos, olhares, balbucios e choros, e disposição para recuar quando os sinais assim indicarem.

A experiência indica que espaços formativos dialógicos, nos quais a ética na pesquisa é discutida, experimentada e reconstruída coletivamente, contribuem para a formação de pesquisadores(as) da infância mais sensíveis e comprometidos(as). Espera-se que as reflexões aqui compartilhadas possam inspirar outros contextos de formação e pesquisa.

Palavras-chave: Assentimento; Crianças; Educação Infantil; Metodologias de Pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016**. Brasília, 2016.

COUTINHO, A. S. Os novos estudos sociais da infância e a pesquisa com crianças bem pequenas. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, Brasil, v. 19, n. 3, p. 762–773, 2017. DOI: 10.18224/educ.v19i3.5426. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5426. Acesso em: 23 abr. 2025.

COUTINHO, Angela Scalabrin. Consentimento e Assentimento. In: **Ética e pesquisa em Educação:** subsídios. Vol. 1. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019, p. 98-103.

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 66 jul.-set. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/jqNWVT4RX8dLfNjKbPgNVfj/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 23 abr. 2025.

FERNANDES, Natália. **Pedagogias da infância: docência, crianças e múltiplas linguagens.** Youtube, 07 de nov. de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BUmj8sdIom8. Acesso em 16 abr. 2025.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Crí-ticas**, *[S. l.]*, v. 20, n. 41, p. 103–123, 2014. DOI: 10.26512/lc.v20i41.4260. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4260. Acesso em: 12 mai. 2025.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

RODRIGUES, Ana Julia Lucht. 2.1 Infância, infâncias e crianças: contribuições dos estudos da infância. *In:* RODRIGUES, Ana Julia Lucht. **Materialidade(s) e os bebês: um estudo sobre suas ações e a construção do espaço da creche**. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Federal do Paraná, 2020, p. 29-34.